

A interlíngua de aprendentes lusófonos do Francês

Estratégias de aprendizagem das completivas infinitivas

Gaétan de Saint Moulin

Communauté Wallonie-Bruxelles – F.L.U.L.

Introdução¹

Uma questão com que se deparam muitos professores de língua estrangeira é a de perceber o papel da influência da língua materna dos seus alunos no processo de aprendizagem da língua alvo. Neste trabalho, apresentaremos um estudo de caso para alimentar este debate: o tratamento das completivas infinitivas na interlíngua (IL) de aprendentes lusófonos da língua francesa. Este estudo baseia-se em dois tipos de dados, a que podemos chamar “dados textuais” e “dados intuicionais”, seguindo uma terminologia de Corder (1973). Os primeiros são erros levantados nas produções escritas de alunos dos 2º e 3º anos da licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas na F.L.U.L. Os segundos foram obtidos através de um teste de comportamento linguístico provocado, no qual 134 informantes forneceram os seus juízos de gramaticalidade sobre 57 frases com completivas infinitivas. Estes informantes dividem-se em 4 níveis: os 3 primeiros correspondem aos 3 primeiros anos da licenciatura. O quarto nível é constituído por alunos que moraram pelo menos um ano num país francófono.

Pretendemos demonstrar a pertinência de dois factores, que foram enunciados já no início da década de 80, sobre a influência da L1 na aquisição de uma L2. O primeiro factor, proposto por Kellerman (1983), corresponde à existência de uma restrição sobre a “transferabilidade” para a L2 de um elemento da L1: quanto mais este elemento é percebido como marcado na L1, menos é transferido para a L2.

“Transferability is to be seen as a theoretical notion, which derives from native speakers’ own perception of the structure of their language. If a feature is perceived as infrequent, irregular, semantically or structurally opaque, or in any other way exceptional, what we could in other words call ‘psycholinguistically marked’, then its transferability will be inversely proportional to its degree of markedness” (Kellerman, 1983).

O segundo factor, descrito em Zobl (1980), é a “selectividade” da influência da L1 sobre a aquisição de uma L2:

¹ Este artigo apresenta os dados recolhidos no quadro da tese de Mestrado que defendemos na FLUI, em Abril de 2005, sob a orientação da Profª Anabela Gonçalves.

“The principle of selectivity refers to formal properties that make L2 structures immune or receptive to L1 influence as well as L2 developmental stages that activate L1 transfer along a time axis. Basic to the approach set forth is the structuralist assumption that a language will accept only those external influences that correspond to its own structural tendencies and systemic biases.”

Zobl (1980) admite que a transferência será mais “penetrante” na gramática da IL em determinados momentos do desenvolvimento da L2 (*developmental selectivity*) e sempre que existir na língua alvo uma disponibilidade estrutural (*formal selectivity*), ou seja, o potencial para conduzir a um resultado idêntico ao produzido pela transferência. A transferência é reforçada pela permeabilidade do sistema alvo.

Estes factores que influenciam o recurso à L1 – marcação de uma estrutura e disponibilidade do sistema alvo – serão ilustrados neste estudo. Começaremos por descrever a influência sobre a IL da construção portuguesa de infinitivo flexionado (secção 1). Trataremos em seguida da estruturação na IL das construções de Marcação Excepcional de Caso e predicados complexos do tipo *faire*-infinitivo (secção 2). Terminaremos com o estudo das construções de Controlo/Elevação e dos predicados complexos obtidos por Reestruturação (secção 3).

1. A influência sobre a IL da construção de infinitivo flexionado

Um dos erros encontrados nas produções dos aprendentes pode ser interpretado como uma influência da construção de infinitivo flexionado, disponível em Português mas não em Francês. Trata-se da presença ilegítima de um sujeito, marcado com o Caso nominativo, em completivas infinitivas seleccionadas por verbos cujos equivalentes portugueses admitem a construção de infinitivo flexionado:

(1) * Elle dit au soldat pour il dormir. (An., F2, 02)²

(2) * Je me souviens très bien de ma mère aller voter. (AT, F3, 04)

Estes erros, para além de pouco frequentes (só ocorrem cinco erros deste tipo no corpus), desaparecem rapidamente da gramática IL, como se conclui da análise dos resultados do teste de comportamento linguístico provocado.³

	Nº de erros no corpus	Média da taxa de correcção no teste (%)			
		N1	N2	N3	N4
* {Dire, demander} pour qqn faire qqch	3	31.4	77.3	68.8	93.1
* Se rappeler de qqn faire qqch	2	49	31.8	75	72.4

² Código do informante, nível da cadeira de Francês frequentada, ano.

³ Nas tabelas de resultados aparecem a negrito as taxas de correcção inferiores a 50%.

Veja-se que, no primeiro nível, só 31% dos informantes julgaram correctamente a frase do tipo “*Demander pour quelqu’un faire quelque chose” como agramatical. Mas já no segundo nível, a taxa de correcção é elevada: 77% acertaram no juízo de gramaticalidade. O formato da construção “*Se rappeler de qqn faire qqch”, porém, perdura mais na IL.

Em contraste, as taxas de correcção são altas, inclusive para os aprendentes do primeiro nível, para as frases nas quais o sujeito encaixado tem a forma de um pronome nominativo:

	Nº de erros No corpus	Média da taxa de correcção no teste (%)			
		N1	N2	N3	N4
* Voir il courir à toute allure		60.8	72.7	90.6	96.6
* Faire elle embrasser la main		82.4	100	96.9	100

Estes bons resultados podem explicar-se pelo facto dos verbos superiores serem um causativo (*faire*) e um perceptivo (*voir*). Com efeito, no caso dos verbos causativos e perceptivos, a construção de infinitivo flexionado alterna com a construção de Marcação Excepcional de Caso (MEC), na qual o sujeito lógico do infinitivo verifica o Caso acusativo, como ilustrado em (3) e (4)⁴:

- (3) O João viu eles correrem a toda velocidade.
 (4) O João viu-os correr a toda velocidade.

Dada essa concorrência, parece provável que o Caso nominativo seja marcado pelos aprendentes, no sentido de Kellerman (1983) e, logo, dificilmente transferido para a IL nas completivas seleccionadas por verbos causativos e perceptivos.

É de salientar que em completivas nominais e em adverbiais, também são inseridos sujeitos lexicais em contextos onde seriam legítimos em Português, nomeadamente na construção de infinitivo flexionado – veja-se (5) e (7) e os equivalentes gramaticais em (6) e (8):

- (5) * C’est scandaleux le fait du procéssus de l’adoption des enfants abandonnés être encore longue et difficile. (AN, F3, 04)
 (6) Le fait que le processus de l’adoption des enfants abandonnés est encore long et difficile est scandaleux.
 (7) * Absorvé par la chevauchée des Walkyries, Patrick ne s’aperçoit pas de la femme qui fait signal pour la calèche s’arrêter. (RB, F3, 04)

⁴ Os verbos causativos e perceptivos admitem ainda uma terceira construção (cf. Gonçalves e Duarte, 2001), a do predicado complexo do tipo *faire*-infinitivo, na qual o “sujeito” encaixado pode verificar o Caso acusativo (i) ou dativo (ii). Veja-se a análise da estruturação dessas construções na IL.

(i) O João não os mandou trabalhar.

(ii) O João não lhes mandou estudar o livro inteiro.

- (8) Absorbé par la chevauchée des Walkyries, Patrick ne s'aperçoit pas de la femme qui fait signe pour que la calèche s'arrête.

Quando estes sujeitos aparecem sob uma forma pronominal que permite identificar inequivocamente o Caso, é a forma nominativa que ocorre:

- (9) * Sa chute est due au fait d'il avoir passé à droite alors qu'il devait passer à gauche. (An., F3, 02)
 (10) * Je viens ici te demander si tu pouvais, donner quelque travail à mon frère pour il n'aller pas <au l'étr> pour l'étranger.⁵ (MN, F3, 04)
 (11) * Après de j'avoir montrer mon billet, le controleur se dirigea pour les jeunes. (BA, F3, 03)

Assim, estes erros sugerem que a influência da construção de infinitivo flexionado sobre a IL se estende a outras subordinadas. O teste de comportamento linguístico provocado não incluiu esses contextos, limitando-se às completivas infinitivas de verbos.

2. A estruturação na IL das construções de MEC e do predicado complexo do tipo *faire*-infinitivo

Os verbos causativos e perceptivos admitem em Português e em Francês a construção de Marcação Excepcional de Caso (MEC), na qual o sujeito encaixado ocorre tipicamente entre o verbo superior e o infinitivo. No caso do Português, surge a forma não flexionada do infinitivo (cf. (12)) e, embora o sujeito encaixado seja tematicamente dependente do infinitivo, verifica o Caso acusativo no domínio mais alto, como mostram as frases (14) e (15).

- (12) O João não deixou os carros passar.
 (13) Jean n'a pas laissé les voitures passer.
 (14) O João não os deixou passar.
 (15) Jean ne les a pas laissé passer.

As duas línguas admitem igualmente a formação de um predicado complexo do tipo *faire*-infinitivo, construção na qual o complexo verbal formado pelo verbos superior e o infinitivo forma uma unidade sintático-semântica (Kayne, 1975 e para o português, Raposo, 1981; Gonçalves, 1999). Neste caso, o constituinte interpretado como sujeito do infinitivo aparece à sua direita. Se o infinitivo tiver um OD, este constituinte aparece sob a forma de um PP introduzido pela preposição *a* (cf. (18) e (19)):

- (16) O João não deixou passar o carro.

⁵ Os fragmentos entre parênteses angulares foram riscados pelo informante.

- (17) Jean n'a pas laissé passer la voiture.
 (18) O João não mandou estudar o conjuntivo aos seus alunos.
 (19) Jean n'a pas fait étudier le subjonctif à ses élèves.

No entanto, contrariamente ao que acontece em Português, o verbo *faire* do Francês não admite a construção de MEC na variedade padrão contemporânea⁶:

- (20) O sol faz cantar os pássaros.
 (21) Le soleil fait chanter les oiseaux.
 (22) O sol faz os pássaros cantar.
 (23) * Le soleil fait les oiseaux chanter.

Note-se ainda que se o infinitivo tiver um OD e o verbo superior for um perceptivo, a construção de MEC é a preferida por alguns falantes em ambas as línguas.⁷

- (24) O João ouviu os pássaros cantar uma melodia.
 (25) Jean a entendu les oiseaux chanter une mélodie.
 (26) ? O João ouviu cantar uma melodia aos pássaros.
 (27) ? Jean a entendu chanter une mélodie aux oiseaux.

Na alternativa entre a construção de MEC e o predicado complexo, a construção de MEC aparece como menos marcada, no sentido de Kellerman (1983). Independentemente do mecanismo da GU subjacente, o facto é que os falantes manifestam uma preferência por uma estrutura mais fácil de processar.

O quadro abaixo resume a comparação do português (PT) e do francês (FR) no que diz respeito ao uso das construções de Marcação Excepcional de Caso (MEC) e do predicado complexo do tipo *faire*-infinitivo (PC):

⁶ A construção de MEC com o verbo *faire* encontra-se num registo literário (Grevisse e Goosse, 1993), quando o sujeito é lexical:

(i) Les profondes raisons qui ont fait Racine rejeter tout ce qui fut tant recherché après lui. (Valéry, *Variété*, Pl., p.739)

Note-se que a construção de MEC subsiste com o verbo *faire*, na língua padrão, quando o sujeito temático do infinitivo é clítico. A construção de MEC (ii) alterna nesse caso com o predicado complexo (iii):

(ii) L'ingénieur les a fait résoudre les problèmes.

(iii) L'ingénieur leur a fait résoudre les problèmes.

A construção de MEC pode até chegar a ser a única possível, com o verbo *faire*, no caso de já haver um clítico na encaixada:

(iv) Elle le faisait se lever tous les jours à l'aube.

(v) ??/* Elle lui faisait se lever tous les jours à l'aube.

⁷ Os juízos pioram se os sujeitos são cliticizados:

(i) ??/* O João ouviu-lhes cantar uma melodia.

(ii) ??/* Jean leur a entendu chanter une mélodie.

Construções		MEC		PC	
		PT	FR	PT	FR
<i>Faire</i>	Inf. sem OD	OK	*	OK	OK
	Inf. com OD	OK	*	OK	OK
Outros Vsup	Inf. sem OD	OK	OK	OK	OK
	Inf. com OD	OK	OK	?/*	?/*

Nas completivas seleccionadas pelo verbo *faire*, encontra-se um erro frequente e insidioso na IL dos aprendentes lusófonos do Francês: a posição do sujeito. Vejam-se (28) e o equivalente gramatical em (29):

(28)* Il y a aussi des allusions aux histoires d'amour, aux petits livres qui font les femmes rêver. (EG, F2, 03)

(29){...} les petits livres qui font rêver les femmes.

O teste de avaliação de juízos gramaticais confirma a tendência na IL para generalizar a construção de MEC a todos os verbos causativos e perceptivos, incluindo o verbo *faire*. Com efeito, vejam-se, no quadro seguinte, as taxas de correcção muito baixas nos juízos de gramaticalidade sobre frases do tipo “faire quelqu’un manger quelque chose” ou “faire quelqu’un rêver”:

	Nº de erros no corpus	Média da taxa de correcção no teste (%)			
		N1	N2	N3	N4
* Faire qqn faire qqch	7	19.6	18.2	34.4	51.7
* Faire qqn rêver	9	23.5	11.3	10.9	41.4
{Voir, Laisser} qqn faire qqch		67.7	75	76.6	94.9

Repare-se que no final do terceiro ano na faculdade, menos de um terço dos aprendentes identifica essas frases como agramaticais e menos de metade dos informantes do quarto nível acerta nesses juízos.

Os dados da IL sobre o uso das completivas infinitivas seleccionadas por verbos causativos e perceptivos revelam ainda que a construção de predicado complexo é rejeitada – apesar de ser possível na língua alvo – quando o infinitivo tem um OD. Enquanto os informantes aceitam “Laisser partir quelqu’un”, recusam “Laisser faire quelque chose à quelqu’un” ou “faire faire quelque chose à quelqu’un”:

	Nº de erros no corpus	Média da taxa de correcção no teste (%)			
		N1	N2	N3	N4
{Voir, Laisser} partir qqn		84.3	95.5	70.4	88
Laisser faire qqch à qqn		35.3	22.7	25	55.2
Faire faire qqch à qqn		41.2	68.2	50	86.2

Assim, a tendência da IL parece consistir em generalizar a construção de MEC e em limitar o uso do predicado complexo aos contextos nos quais o infinitivo não tem OD:

Tendências da IL		MEC	PC
<i>Faire</i>	Inf. sem OD	OK	OK
	Inf. com OD	OK	*
Outros Vsup	Inf. sem OD	OK	OK
	Inf. com OD	OK	*

No entanto, esta tendência não se mantém quando os sujeitos são cliticizados. Nesse caso, e se o verbo superior for *faire*, os informantes aceitam o predicado complexo do tipo "lui faire faire quelque chose". Se o verbo superior for um perceptivo como *voir*, os informantes voltam a ter dúvidas sobre a gramaticalidade do predicado complexo.

	Nº de erros no corpus	Média da taxa de correção no teste (%)			
		N1	N2	N3	N4
Elle lui a fait prendre un médicament.		72.5	68.2	100	100
Je te l'ai fait corriger.		72.5	86.4	84.4	96.6
Je te l'ai vu faire.		47.1	40.9	56.3	79.3

Deste modo, temos de apurar a nossa descrição das tendências da IL no uso das completivas infinitivas seleccionadas pelos verbos causativos e perceptivos: enquanto a construção de MEC é sempre possível, o uso do predicado complexo é mais limitado, nomeadamente (i) com o verbo *faire* quando o infinitivo tem um OD e o sujeito encaixado é lexical, e (ii) com os verbos superiores perceptivos quando o infinitivo tem um OD. Estas tendências estão resumidas no quadro abaixo.

Construções			MEC			PC		
			PT	FR	IL	PT	FR	IL
<i>Faire</i>	Inf. sem OD		OK	*	OK	OK	OK	OK
	Inf. com OD	Suj. clítico	OK	*	OK	OK	OK	OK
		Suj. lexical						*
Outros Vsup	Inf. sem OD		OK	OK	OK	OK	OK	OK
	Inf. com OD		OK	OK	OK	?/*	?/*	*

A proposta de Kellerman (1983), segundo a qual uma estrutura marcada não é uma boa candidata à transferência, é assim ilustrada pelos dados recolhidos. Dito de outra forma, dado que na L1 a utilização do predicado complexo é marcada quando o verbo superior é um perceptivo e o infinitivo tem um OD, na IL, essa marcação mantém-se e o predicado complexo tende a ser evitado. Pelo contrário, a construção de MEC é generalizada a todos os contextos.

Por outro lado, os mesmos dados permitem-nos concluir que existe uma disponibilidade estrutural na LA, no sentido de Zobl (1980), para a construção de MEC com o verbo *faire*. De facto, esta construção era possível em estados anteriores da língua (veja o Francês antigo em (30)), e encontra-se ainda hoje num registo literário, segundo Grevisse e Goosse (1993: §873), *i.e.*, na língua não padrão (veja-se (31))⁸:

- (30) Cumpainz Rollant, l'olifan car sunez / Si l'orrat Carles, ferat l'ost retourner
«Compagnon Roland, sonnez donc de votre come, Alors Charles [Magne] l'entendra et fera revernir l'armée» (Chanson de Roland, XII^e s.)
- (31) L'établissement des formes ne fait pas Littre oublier les signifiés. (A. Rey, *Littre, l'humaniste et les mots*, p.306)

O Francês revela-se, portanto, permeável à influência do Português e os efeitos da transferência prolongam-se. Estes erros são particularmente difíceis de ultrapassar: a IL apresenta uma forte coerência interna, uma vez que admite a construção de MEC indiscriminadamente para todos os verbos causativos e perceptivos.

3. A estruturação na IL das construções de Controlo / Elevação e do predicado complexo obtido por Reestruturação

Muitos erros encontrados no uso das completivas infinitivas seleccionadas por verbos de Controlo e de Elevação apresentam o formato seguinte – vejam-se (32-33) e os equivalentes gramaticais em (34-35):

- (32) * Et comme ça, on ne la peut pas du tout contrôler. (AI, F3, 04)
- (33) * Il n'y avait personne qui le réussisse tirer de cette vie. (SC, F3, 04)
- (34) Et comme ça, on ne peut pas du tout la contrôler.
- (35) Il n'y avait personne qui réussisse à le tirer de cette vie.

A subida de um clítico complemento do verbo infinitivo para o domínio superior é considerada como um fenómeno característico da construção de predicado complexo, em que o verbo superior e o infinitivo apresentam uma forte coesão sintáctico-semântica (Rizzi, 1982; Burzio, 1986; Gonçalves, 1999)⁹. Embora a subida do clítico tenha

⁸ A construção de MEC com o verbo *faire* sobrevive ainda nos contextos descritos na nota 6.

⁹ Em Português, nem todos os verbos de Controlo e de Elevação admitem a formação de um predicado complexo por Reestruturação. Assim, um verbo de Controlo como *querer* admite a construção, ao contrário de um verbo como *prometer*, como o mostra o contraste seguinte:

(i) O João não o quer fazer.

(ii) * O João não o promete fazer.

De uma forma semelhante, o verbo de Elevação semi-auxiliar *ir* admite a Reestruturação, ao contrário do verbo de Elevação *parecer*:

(iii) O João não o vai querer.

(iv) * O João não o parece querer.

sido possível em Francês até à época clássica (Galet, 1971), o Francês contemporâneo padrão já não a admite.

O conjunto dos verbos que admitiram a subida do clítico na história do Francês é muito semelhante ao dos verbos que admitem esta subida no Português contemporâneo:

- (36) Português: *querer, desejar, conseguir, tentar, saber, ir, vir, dever, poder, ficar a, começar a, estar a, ...*
- (37) Francês clássico¹⁰: *avoir beau, oser, vouloir, croire, daigner, penser, savoir, prétendre, devoir, pouvoir, venir de, ne faire que, venir, aller, être «aller», sembler.*
- (38) Francês contemporâneo literário¹¹: *vouloir, oser, désirer, croire, penser, compter, savoir, devoir, pouvoir, aller, venir sembler, paraître.*

Assim, o que evoluiu em Francês não foi o conjunto dos verbos que admitem a subida do clítico, mas sim a frequência com a qual essa construção é observada. Galet (1971) situa essa mudança do sistema com precisão, através de um estudo quantitativo, em meados do século XVII. Goosse (1952), por sua vez, mostra que a construção ainda se encontra em autores francófonos da primeira metade do século XX, traduzindo um registo de língua tipicamente literário.

Dada a disponibilidade da estrutura em estádios anteriores do Francês, a questão que se coloca é a seguinte: será que os aprendentes lusófonos do Francês transferem para a IL a construção de Reestruturação? Os dados textuais levam-nos a pensar que os verbos que admitem a Reestruturação na IL são os verbos que a admitem na L1. Com efeito, o *corpus* apresenta 33 erros com verbos cujos equivalentes portugueses admitem Reestruturação (*aller, devoir, essayer, réussir à, savoir, vouloir...*) e só 2 erros com um verbo cujo equivalente português não admite esta construção (*aimer*).

Os dados intuicionais apontam na mesma direcção: as taxas de correcção no teste de avaliação de juízos gramaticais são nitidamente mais baixas nos contextos onde as duas línguas divergem do que nos contextos onde as duas línguas coincidem:

Contextos onde as duas línguas divergem	Nº de erros no corpus	Média da taxa de correcção no teste (%)			
		N1	N2	N3	N4
* Le {vouloir, devoir, savoir, aller, réussir à, pouvoir, essayer de} faire	33	41.7	33.1	50	85.1

Contextos onde as duas línguas coincidem	Nº de erros no corpus	Média da taxa de correcção no teste (%)			
		N1	N2	N3	N4
* Le {décider de, promettre de, affirmer, sembler} faire.	2	66.7	64.7	68.7	93.1

¹⁰ Segundo um levantamento em textos literários do século XVII realizado por Galet (1971).

¹¹ Segundo um levantamento em textos literários do século XX realizado por Goosse (1952).

O êxito da influência da L1 no uso do predicado complexo formado por Reestruturação pode ser relacionado com a disponibilidade estrutural da língua alvo, no sentido de Zobl (1980), para essa construção. Como mostram os exemplos seguintes, a subida de clítico foi possível, com os mesmos tipos de verbos superiores, em estados anteriores do Francês (45-46) ou em Francês contemporâneo literário (47-48):

- (39) Jamais, s'il me veut croire, il ne se fera peindre. (La Fontaine, *Fables*)
- (40) Le roi dans un moment vous le va renvoyer. (Corneille, *Horace*)
- (41) Elle le doit délivrer. (Gide, *Journal*)
- (42) Swann y croyait distinguer maintenant du désenchantement. (Proust, *Du côté de chez Swann*)

Uma das críticas à interpretação dos erros como uma transferência pura e simples da L1 é o facto de muitos dos erros estigmatizados existirem numa variedade histórica, geográfica ou social da língua alvo: como garantir que os aprendentes não foram expostos a um *input* não padrão (Besse e Porquier, 1991)? Nesse caso, poderiam estar a reproduzir esse *input*. Na realidade, mesmo que os aprendentes nunca se tenham deparado com essas formas desviantes, podem identificar a disponibilidade estrutural da L2, o que os leva a prolongar a hipótese da continuidade entre a L1 e a língua alvo.

Quando o *input* por si só não basta para levar a gramática da IL a reestruturar, a focalização sobre a forma torna-se imprescindível. O desafio do professor de Francês é fazer com que os aprendentes tomem consciência de que estão a falar como La Fontaine ou Corneille e que têm de modificar a sua produção se o seu objectivo é utilizar a língua padrão contemporânea. Longe de pôr em causa a utilidade da comparação na sala de aula, a ocorrência dos erros dos alunos em variedades da língua alvo devia ser um motor para objectivar os sistemas nos quais se enquadram as suas produções.

Conclusão

A análise da aquisição das completivas infinitivas do Francês por aprendentes lusófonos sustenta a hipótese segundo a qual a influência da L1 não é um processo mecânico de superfície mas sim uma estratégia que interage de forma activa e criativa com o *input*, estando a GU disponível na aquisição da L2 (Schwartz and Sprouse, 1996; White, 2003). Só um modelo que tenha em conta a influência da L1 e a disponibilidade da GU pode ajudar a interpretar os nossos dados.

Embora superficialmente 86% dos erros tratados nos dados textuais correspondam a um padrão da L1, não podemos afirmar que a influência da L1 os explique por si só. Com efeito, não pode ser pura coincidência que os erros mais penetrantes na IL sejam precisamente erros que admitem simultaneamente uma interpretação interlinguística (a influência da L1) e interna à língua alvo (a sua disponibilidade estrutural). O carácter regular dessa dupla interpretação dos erros no nosso estudo é um sinal de que a transferência é reforçada pela disponibilidade que a GU encontra na língua alvo.

Por outro lado, como explicar a dificuldade dos aprendentes em adquirir regras aparentemente simples – o único verbo causativo ou perceptivo que exige o predicado

complexo é *faire*, nenhum verbo de Controlo ou de Elevação admite a formação de um predicado complexo – se não houvesse um factor que prolongasse os efeitos da transferência? Esse factor tem de ser relacionado com a língua alvo em si, com um *input* que não fornece evidências suficientes para forçar a reestruturação da IL. Os erros que daí decorrem não impedem a comunicação, abrindo o caminho para a fossilização (Corder, 1983). Por isso, têm de ser explicitados na sala de aula.

Vimos ainda que a percepção da marcação de uma estrutura da L1 influi sobre a utilização dessa estrutura na IL. O facto de uma estrutura percebida como marcada ser dificilmente transferida para a IL pode ter efeitos positivos ou negativos para a aquisição. No caso do infinitivo flexionado, percebido como marcado, a consequência é favorável uma vez que a construção é rapidamente abandonada da IL. No caso da construção de MEC, percebida como a opção não marcada, o resultado é um entrave à aquisição das completivas seleccionadas por *faire*. Assim, os nossos dados sugerem que o mecanismo da GU subjacente à determinação da marcação de uma estrutura está activo na aquisição de uma L2.

Cabe agora ao docente de língua francesa encontrar estratégias de ensino destas construções.¹² Este estudo deveria contribuir para o informar sobre as necessidades do seu público, se é verdade que “a melhor defesa que nós, professores, podemos fazer da nossa língua é aprender como ela se aprende, para aprender a ensiná-la” (Leiria: 2001).

Referências

- Besse, H. e Porquier, R. (1991) *Grammaires et didactique des langues*. Paris: Didier.
- Burzio, L. (1986) *Italian Syntax: A Government-Binding Approach*. Dordrecht: Kluwer.
- Corder, P. (1967) The significance of learners' errors. *IRAL*, vol. V (4) [trad. francesa Que signifient les erreurs des apprenants? *Langages* 57 (1980)].
- Corder, P. (1971) Idiosyncrasic Dialects and Error Analysis. *IRAL*, vol. IX (2) [trad. francesa Dialectes idiosyncrasiques et analyse d'erreurs. *Langages* 57 (1980)].
- Corder, P. (1973) The Elicitation of Interlanguage. In J. Svartvik (éd.) *Errata. Papers in Error Analysis*. Lund: Gleerup, pp.36-47 [trad. francesa La sollicitation de données d'interlangue. *Langages* 57 (1980)].
- Corder, P. (1983) A role for the mother tongue. In S. Gass et L. Selinker (eds.) *Language transfer in language learning*. Rowley: Newbury House.
- Duarte, I. (1992) Oficina gramatical: contextos de uso obrigatório do conjuntivo. In M. R. Delgado-Martins et al. (eds.) *Para a didáctica do português. Seis estudos de linguística*. Lisboa: Colibri, pp. 165-177.
- Ellis, R. (1997) *SLA Research and Language Teaching*. Oxford: University Press.
- Gass, S. (1996) Second language acquisition and linguistic theory: the role of language transfer. In W.C. Ritchie and T.K. Bhatia (eds.) *Handbook of Second Language Acquisition*. San Diego: Academic Press.

¹² Algumas propostas concretas para uma intervenção didáctica sobre os problemas ligados à complementação infinitiva, destinadas aos professores de Francês em Portugal, foram publicadas nos Suplementos da revista da Associação Portuguesa dos Professores de Francês. *En direct de l'APPF*, nos números anuais de 2005 e 2006.

- Gonçalves, A. (1999) *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo não Preposicionado do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, A. e Duarte, I. (2001) Construções causativas em Português Europeu e em Português Brasileiro. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. APL e Colibri: Lisboa, pp. 657-671.
- Grevisse, M. et Goosse, A. (1993) *Le bon usage*, 13^e éd. Paris-Louvain-la-Neuve: Duculot.
- Hawkins, R. (2001) *Second language syntax. A generative introduction*. Malden: Blackwell.
- James, C. (1998) *Errors in Language Learning and Use*. London and New-York: Longman.
- Kellerman, E. (1983) Now you see it, now you don't. In S. Gass and L. Selinker (eds.) *Language transfer in language learning*. Rowley: Newbury House.
- Krashen, S.D. (1981) *Second Language acquisition and Second Language Learning*. [New York-London: Prentice Hall, 1988].
- Leiria, I. (2001) *O léxico. Aquisição e ensino do Português Europeu língua não materna*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Nemser, W. (1971) Approximative systems of foreign language learners. *International Review of Applied Linguistics* 9, pp.115-123.
- Rizzi, L. (1982) *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris.
- Schwartz, B. and Sprouse, R. (1996) L2 cognitive states and the Full Transfer/Full Access model. *Second Language Research*, 12(1), pp.40-72.
- Selinker, L. (1972) Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics* 10, pp.209-231.
- Towell, R. and Hawkins, R. (1994) *Approaches to Second Language Acquisition*. Clevedon-Philadephia-Adelaide: Multilingual Matters LTD.
- White, L. (2003) *Second Language Acquisition and Universal Grammar*. Cambridge: University Press.
- Zobl (1980) The formal and developmental selectivity of L1 influence on L2 acquisition. *Language learning* 30, pp.43-58.